



Americanização do Marxismo: Cosmopolitismo ou Paroquialismo? Reflexões sobre os debates na revista *Partisan Review* em 1936.

Gustavo Mor Malossi

Durante os anos 30 do século XX, floresceu nos EUA uma variada cultura política que se desenvolve em diferentes graus de contestação e acirramento de projetos de país e sociedade. A falência do consenso liberal desencadeada pela crise econômica de 1929 e a relativa ascensão socioeconômica da Rússia soviética em comparação com a economia norte-americana<sup>1</sup>, fez com que posicionamentos identificados com o socialismo se multiplicassem, dando origem ao que Michael Denning chama de um “bloco histórico”, uma era de contestação do modo de produção capitalista em várias esferas da cultura<sup>2</sup>. Seja na tribuna do parlamento, nas redações dos jornais ou na trincheira do campo de batalha na Espanha, o confronto de posicionamentos intrinsecamente modernos como o fascismo, o comunismo e o liberalismo – e os posteriores traumas decorrentes desses confrontos – constitui um passado e uma memória que lançam as bases para o pensamento político contemporâneo. Este trabalho se trata de um estudo de caso desta cultura política norte-americana que se desenvolveu durante o período conhecido como “Frente Popular” na década de 1930. Este estudo será realizado através da leitura e análise de um Simpósio organizado pela revista *Partisan Review* intitulado “What is Americanism?” no qual dez autores de diferentes matizes, entre eles poetas, romancistas, críticos literários e intelectuais do Partido Comunista, debatem o caráter nacional americano e suas tradições políticas, sobre as possibilidades do desenvolvimento do marxismo nos Estados Unidos e a inter-relação dessas questões com o desenvolvimento da literatura estadunidense<sup>3</sup>.

A curiosidade em tentar compreender que sentidos de “Americanismo” eram reivindicados por estes autores na década de 30 e 40 vincula-se com percepção da importância que este conceito e as identificações políticas a ele atreladas adquirem posteriormente na Guerra Fria. A oposição entre Marxismo e Americanismo apresentada como duas doutrinas rivais em um jogo geopolítico, no qual os intelectuais se vem obrigados a escolher um lado, não está simplesmente dada, é fruto de

1 HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX**. 1941-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 113

2 DENNING, Michael. *The Cultural Front: The Laboring of American Culture in the Twentieth Century*. New York: Verso, 1997

3 DREISER, Theodore; ARVIN Newton; HERBST Josephine; HERRICK Robert; JOSEPHSON, Matthew; BURKE, Kenneth; FRANK, Waldo; TROY, William; WILLIAM, William Carlos; FREEMAN Joseph. **What is Americanism?** *Partisan Review*, vol. 3, no. 3, April 1936 From the *Partisan Review* Collection, Howard Gottlieb Archival Research Center at Boston University



uma construção que merece ser investigada e pormenorizada.

Nosso questionamento parte do conhecimento de que os autores colaboradores da *Partisan Review* a partir de 1936 romperam com a Frente Popular e o apoio à União Soviética e, portanto, não compactuavam com as concepções de Americanismo propostas pelo Partido Comunista. A hipótese a ser tratada por nós é que os autores colaboradores da *Partisan Review* entre 1936 e o fim da segunda guerra encostraram-se divididos entre aqueles que, de um lado, procuravam construir uma literatura e uma crítica literária cosmopolita, que refletisse o internacionalismo associado à alternativa trotskista, rejeitando uma identidade intrinsecamente Americana, e de outro, aqueles que procuraram se assimilar ao projeto de país que um Americanismo pluralista prometia, sendo aceitos, portanto, como proponentes de um novo *status quo*. É importante ter em mente que essas definições de “Americanismo” não são para esses autores apenas caprichos conceituais, mas sim representam um projeto de país e de uma literatura nacional da qual eles se vêm produtores e críticos. Este desafio que se apresenta pra eles, portanto, faz gerir uma disputa por sentidos que procura conciliar as expectativas particulares com o perfil multifacetado dessa geração ligada à revista: a formação radical socialista, a descendência judaica, o antistalinismo e o modernismo tornam-se ingredientes que precisam ser administrados em um sistema coerente de identidades e sentidos. Como indica nossa hipótese, algumas rupturas no interior da geração necessariamente surgem nesse processo e se manifestam com a fundação de diversas revistas que partem da própria *Partisan Review*: para a esquerda surge a “*politics*”, fundada por Dwight Macdonald em 1944 e a *Dissent*, fundada por Irving Howe em 1954; para a direita surge a *Commentery* em 1945 fundada por Norman Podhoretz<sup>4</sup>. Esse processo de disputa e conciliação pode ser depurado pelo estudo do “Americanismo” como um conceito que adquire sentidos diversos ao longo do tempo, adquirindo sua própria História.

Koselleck em sua obra *Futuro Passado* apresenta os conceitos fundamentais que guiarão nossa abordagem<sup>5</sup>. Como propõe o autor, o sufixo “ismo”, que aparece também em “Americanismo”, expressa a temporalização de um conceito (América) o que indica movimento para um objetivo, um *telos*, no caso, um projeto de país. Portanto “Americanismo” não se trata apenas em um conjunto de características identitárias, históricas e culturais que diferenciam os EUA de outros países, mas também refere-se a um país idealizado, que ainda está para se realizar. Como tal, Americanismo não expressa apenas um sentido notório parado no tempo, do contrário, por

---

4 COONEY, Terry. *The Rise of the New York Intellectuals* op.cit. p. 108

5 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1979.

indicar movimento, também é dotado de história<sup>6</sup>. Para captura as diferentes temporariedades de um conceito assim distinguido, se faz necessário o emprego das categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” elaboradas por Koselleck<sup>7</sup>. Os projetos políticos em disputa nos EUA na década de 30 refletem em diferentes campos semânticas para o conceito de Americanismo, pois apontam para diferentes “horizontes de expectativa” propostos, imaginados e desejados por esses autores. Por outro lado, esses sentidos adquirem forma a partir de um “espaço de experiência”, um passado que é reivindicado por estes autores e interpretado como autenticamente americano ou como modelo comparativo para eventos contemporâneos.

Cabe frisar que, pelas limitações deste estudo, não será possível esgotar as possibilidades de análise que essa fonte nos proporciona, uma vez que não serão abordados importantes níveis de contexto como por exemplo questões biográficas dos autores e a relação dos artigos com o *corpus* de suas produções. Sabendo que nenhum autor transcende a sua contemporaneidade e as ideologias manifestadas nela, a pergunta que pretendemos fazer está implicada no próprio texto da fonte, buscando aquilo que LaCapra chama de dimensão “contestatória” e “transformativa” do autor e a forma com que ele articula um acordo com uma variedade de contextos que apontam para desenvolvimentos contrários<sup>8</sup>. Portanto, escolhemos uma abordagem que valorize os sentidos que os conceitos adquirem no âmbito da sincronia, buscando compreender como esses sentidos se constroem no próprio uso prático intrínseco ao debate político.

### **3.1 Apresentação do Simpósio**

O Simpósio parte da preocupação dos editores William Phillips e Philip Rahv com o problema de definir Americanismo em relação ao Marxismo e qual seria o papel da literatura revolucionária em fazer avançar o entendimento dessas duas “forças”. Ele inicia desse modo convidando os autores de “diversos matizes” para responder as seguintes perguntas:

"Qual é sua concepção de Americanismo? Você acha que ele é separado e oposto à tradição cultural da Europa Ocidental? Você acha que ele é idêntico, oposto, ou incluso na distinta herança revolucionária nativa dos primeiros jacobinos como Tom Paine, os movimentos populistas posteriores e o radicalismo dos Knights of Labor, Albert Parsons, Gene Debs, Bill Haywood, etc? Deveriam os valores dessa tradição americana ser continuados e defendidos ou eles simbolizam a luta brutal pelo enriquecimento individual que alguns escritores (como, por exemplo, alguns expatriados e críticos europeus como Georges Duhamel) interpretam como a essência do Americanismo? A sua concepção do Americanismo postula que existe uma

---

6 Idemp. 297

7 Idem p. 305

8 LACAPRA, Dominick. Tropisms of Intellectual History. Rethinking History, New York, v. 4, n. 8, p.499-529, dez. 2004. p. 512.

continuidade desde os tempos coloniais até o tempo presente ou você o coloca dentro dos limites históricos definidos?

Na sua opinião, qual é a relação entre a tradição Americana e o Marxismo como força ideológica nos Estados Unidos, especialmente em referência ao crescimento da literatura revolucionária no país? Você acha que a nossa literatura revolucionária reflete e integra o espírito americano ou está em conflito com ele? Se este conflito existe, você acha que isso é uma falha dos escritores revolucionários ou as próprias premissas da escrita revolucionária impedem a integração orgânica entre os dois? <sup>9</sup>

Para simplificar a leitura, separamos essas perguntas em três eixos diferentes: primeiro, os editores desejam saber se os participantes acreditam no excepcionalismo do caráter nacional americano e se esse caráter apresenta um conteúdo positivo, ou seja, se os Estados Unidos detêm uma herança revolucionária que se manifesta nos movimentos sociais anteriores na história americana (os Knights of Labor, os líderes sindicalistas anarquistas Albert Parsons e William Dudley “Big Bill” Haywood e o líder do Partido Socialista Americano Eugene Victor “Gene” Debs) ou se o modo de vida americano incentiva o individualismo, o consumismo e a ganância, ou seja, o perfil conservador idealizado pelo fordismo (posteriormente teorizado por Gramsci). Em síntese, os autores questionam se Americanismo é inerentemente progressista ou reacionário. O segundo eixo de questionamento especifica o primeiro e inquiri se esse caráter nacional é compatível com o Marxismo ou se é completamente oposto a ele. Por fim, em um terceiro eixo de questionamento os editores desejam saber o reflexo dessas concepções abordadas sobre a literatura Americana, tema esse essencial à revista uma vez que tanto editores quanto convidados são ou críticos literários ou escritores. Nem todos autores convidados responderam satisfatoriamente a esses três eixos de perguntas, mas foi possível agrupar suas respostas em três grupos segundo uma tipologia que traça a convergência dos posicionamentos, os quais nomeamos da seguinte forma: Socialistas com Americanismo Excepcionalista, Marxistas com Americanismo Estratégico e Liberais com Americanismo Excepcionalista.

---

9 Tradução livre do original: “What s your conception of Americanism? Do you think of it as separate and opposed to the cultural tradition of Western Europe? Do you think of it as identical with, or opposed to, or inclusive of the distinct native revolutionary heritage of the early Jacobins like Tom Paine, the populist movements of later days and the radicalism of the Knights of Labor, Albert Parsons, Gene Debs, Bill Haywood, etc? Should the values of this American tradition be continued and defended or do they symbolize the brutal struggle for individual riches which some writers (as, for example, certain expatriates and European critics like Georges Duhamel) have interpreted as the essence of Americanism? Does your conception of Americanism postulate its continuity from colonial days to the present age or do you place it within definitive historical limits? In your opinion, what is the relationship between the American tradition and Marxism as an ideological force in the United States, with particular reference to the growth of revolutionary literature in this country? Do you think that our revolutionary literature reflects and integrates the American spirit or is it in conflict with it? If this conflict exist, do you think this is a failure on the part of revolutionary writers or do the very premises of revolutionary writing prevent the organic integration of the two?”



### **3.1.1 Socialistas com Americanismo Excepcionalista**

Nesse grupo estão Newton Arvin, Josephine Herbst e Waldo Frank. Para esses autores, o Americanismo é a transmutação de uma “Grande Tradição” que herda da Europa os valores iluministas de individualismo, secularismo e liberdade de expressão que se desenvolvem e se transformam nos EUA em um radicalismo democrático sem precedentes. Por conta de sua extensão e riqueza territorial, os Estados Unidos seriam uma terra de oportunidades e esperança e que o americano típico é aquele que constrói a si mesmo e busca por uma vida melhor, não se satisfazendo em viver de maneira conformada. Josephine Herbst usa como exemplo sua própria família, a qual descende de colonos proprietários de terra no período anterior à independência, e que ao longo das gerações sempre procurou se adaptar às novas transformações sociais que passava o país, seja migrando para o Oeste a procura de ouro, lutando na Guerra Civil Americana a favor da abolição ou voltando às grandes cidades a procura de emprego.

Segundo esse posicionamento, a maior liberdade usufruída pelos estadunidenses permitiu que se desenvolvesse uma cultura de classe média que de fato aparenta ser mais gananciosa e *philistine*, ou seja, banal, materialista e vulgar, mas que essas características pejorativas não seriam intrínsecas ao caráter nacional americano e muito menos inexistentes na Europa, que desenvolveria esses traços se tivesse as mesmas oportunidades para tal. Segundo essa linha, o individualismo exacerbado teria de fato provocado consequências nefastas à sociedade Americana e precisava ser redirecionado. Para essa tarefa surge o Socialismo, que de forma alguma é um rompimento com a tradição Americana, mas sim a verdadeira garantia de sua continuidade. Como expressa Newton Arvin

...existe uma linha perfeitamente real no pensamento nativo americano, o trabalho de verdadeiros Yankees como qualquer outra que existiu, a qual se move em direção ao socialismo marxista e seu ponto culminante. Os velhos radicais democráticos - Paine, Samuel Adams, Freneau, e seus semelhantes - havia previsto uma sociedade republicana individualista, e até mesmo sem classes: quando seus sucessores naturais, nos anos trinta e quarenta [*do século XIX*], vieram mais e mais a mostrar que o individualismo econômico dirigiu rapidamente o país em direção ao regime de classes da Inglaterra e da França contemporânea, com os maus resultados já aparentes nesses países, eles aplicaram-se ao problema social iminente, portanto, e tomando como ponto de partida seus sentimentos profundos igualitários, fizeram esboços em direção a uma filosofia social na qual o socialismo de pleno direito já era germinativo.<sup>10</sup>

---

10 Grifo meu. Tradução livre do original: There is a perfectly real line in native American thought, the work of as true Yankees as ever existed, that moves on toward Marxist socialism as toward its culmination. The old democratic radicals – Paine, Samuel Adams, Freneau, and their like – had envisaged an individualistic, but quite classless, republican society; and when their natural successors, in the thirties and forties, came more and more to see that economic individualism was rapidly driving the country toward the class arrangements of contemporary England an

Ou seja, o socialismo é colocado como evolução natural do Americanismo, sendo mais que um substituto, um aprimoramento das características intrínsecas ao país. O Socialismo surge então como efetuação máxima da sociedade prometida pelos pais fundadores, a realização no futuro das ideias de Paine, Jefferson e Lincoln. Essa concepção de Americanismo resgata como “espaço de experiência” ou “passado utilizável” as diversas manifestações de radicalismo político existentes no século XIX, como os abolicionistas, os Kinigs of Labor, os militantes da IWW e os populistas e os arranja em uma tradição coerente e inter-relacionada que é portadora do projeto original de América. Além disso, a caracterização do excepcionalismo americano se aproxima daquela desenvolvida na *Frontier Thesis* de Turner, pois os autores partem da perspectiva que a democracia e a liberdade dos Estados Unidos se desenvolveram graças às oportunidades de expansão que a fronteira oferecia aos imigrantes. Não é estranho perceber esse reflexo da *Frontier Thesis* sobre este pensamento socialista em particular, visto que, segundo Avila, mesmo a contragosto do Turner, muitos socialistas já haviam simpatizado com a tese ao longo da primeira década do século XX e a adotado como marco explicativo para o surgimento da democracia norte-americana<sup>11</sup>. É importante apontar, também, que tanto Newton Arvin quanto Waldo Frank – que fazia parte do círculo literário em torno da revista *Seven Arts* – eram críticos que buscavam compreender as “tendências” na literatura estadunidenses e valorizar poetas “nativos” como Ralph Emerson e Walt Whitman, justamente o que havia sido proposto por Van Wyck Brooks na revista. Portanto, percebe-se o quão natural é para esses autores realizar uma simbiose entre socialismo como horizonte de expectativa e o excepcionalismo americano, que constitui em um “passado utilizável” que está de acordo com a *Frontier Thesis*.

### **3.1.2 Marxistas com Americanismo Estratégico**

Theodore Dreiser, Matthew Josephson, Kenneth Burke e Joseph Freeman por sua vez apresentam-se afinados com a linha nacionalista da Frente Popular defendida pela terceira internacional, o que acarreta algumas ambiguidades em seus artigos. Em primeiro momento, eles têm em comum a ideia de que os valores geralmente atribuídos ao caráter nacional americano, como liberdade, autonomia e busca por enriquecimento compõem uma ideologia historicamente

---

France, with the evil results already apparent in those countries, they applied themselves to the social problem thus impending and, taking their deep equalitarian sentiments as point of departure, made sketches toward a social philosophy in which full-fledged socialism is already germinating.

11 AVILA, Arthur Lima de. **E da fronteira veio um pioneiro. op. cit**



construída na fundação dos Estados Unidos, mas que mascara a realidade concreta da classe trabalhadora, reforçando que o Americanismo é uma ilusão de identidade nacional mantida pela massa do povo de forma emocional, intangível e inconsciente. Nas palavras de Theodore Dreiser

Americanismo envolve uma associação de ilusões como individualismo, a terra dos livres a casa dos bravos, liberdade, self-made man, pioneiros, esse é o melhor país do mundo e você deveria ter orgulho de morar aqui, estrelas e listrar, etc. Essas poderosas associações e sentimentos cresceram das condições culturais da Europa Ocidental e não é oposta a ela.

Já o autor Joseph Freeman, descendente de imigrantes judeus da Ucrânia, usa a história de sua família para exemplificar as ilusões e promessas do Americanismo. Segundo Freeman, para um judeu da Europa Oriental os Estados Unidos apareciam como um *“asilo dos oprimidos, o reino dourado da América, onde todos podiam ir a escola, onde os judeus e gentios eram iguais, não havia divisão de classe e todas as raças eram tratadas igualmente.”* Entretanto, uma vez que passaram a viver nos cortiços da cidade de Nova York, os judeus compreenderam que não faziam parte da América e passaram a perceber os dois mundos, nos quais, tanto judeus quanto americanos estavam divididos entre ricos e pobres. Logo a identificação de pertencimento essencial não é de caráter nacional, mas de classe.

Portanto, para esses autores, a cultura Americana de forma alguma é excepcional pois não se diferencia da herança da Europa Ocidental, afinal, como argumenta Dreiser, nada que tenha acontecido nos EUA não foi prescindido pela mesma mudança na Europa. Burke teoriza que na verdade o que se passou nos Estados Unidos em sua independência foi um remanejamento de poderes que enfraqueceu as formas particulares de burocratização que mantinham tradições vivas. Portanto, sem o empecilho de uma herança feudal impregnada na sociedade, o pensamento e a filosofia burguesa se desenvolveram plenamente em toda sua rigorosidade, processo esse que foi auxiliado também pela liberação dos negros dentro dos termos capitalistas e pela liquidação das formas culturais originais indígenas que – ao contrário da América Latina – não teriam sido incorporadas pela cultura norte-americana. O caráter nacional, portanto, não constituiria uma tendência cultural diferente da Europa Ocidental: o Americanismo seria uma das manifestações da cultura capitalista, se diferenciando das outras apenas pelo grau de intensidade. Burke aponta que a tradição radical que os socialistas atribuem ao caráter nacional norte-americano nada mais é que reflexo do movimento Romântico em geral que também existiu na Europa. Para este autor Whitman, Emerson ou Thoreau e outros transcendentalistas, ou seja, o *“usable past”* de Brooks, Waldo Frank e Newton Arvin, não diferem do socialismo utópico que surge na Europa como uma nostalgia que busca negar a modernização do capitalismo. Já o Matthew Josephson concorda com



Burke ao citar a obra Charles Beard *Economic Origins of Jeffersonian Democracy*, segundo a qual os valores de igualdade e liberdade têm uma origem social tipicamente pequeno-burguesa, o que caracteriza também a origem social dos democratas radicais na Europa. Por seu caráter de classe, essas ideias apontam para um papel progressista no tempo da revolução Americana, entretanto, em vista da possibilidade de uma revolução proletária, os valores pequeno-burgueses representam um papel potencialmente reacionário, ou como coloca o Burke “*Não podemos mais voltar para essas ideias, apesar de algumas peças ideológicas ainda funcionar e alguns se aproveitarem delas como lobos em peles de cordeiro*”

Entretanto, em um segundo momento, após terem definido claramente o Americanismo como uma ilusão nacional ou uma ideologia de classe, os quatro autores admitem ao final de seus respectivos artigos que é possível fazer uso desses sentimentos nacionalistas, os quais podem ser capitalizados e redirecionados para a causa de revolucionária. Afinal, como argumenta Dreiser, esses valores são genéricos e representam ilusões que podem ser relativizadas e interpretadas de acordo com os propósitos desejados, portanto não existiria nenhum empecilho para Americanização do Marxismo. Matthew Josephson, defende que o Marxismo deve ser adaptado para o clima moral e físico americano, não pelo perfil dos Estados Unidos que seria intrinsecamente progressista, mas porque é o que Marx e Engels recomendam e o que os Bolcheviques realizaram na Rússia. Por sua vez, Burke se apoia em sua teoria dos sistemas de sentido para justificar a Americanização do Marxismo.

Um sistema de sentido tende a fechar você para outro sistema de sentido. Portanto, a avalanche de sentidos capitalistas tende a enterrar a estrutura do sentidos anticapitalistas. Mas não há nada peculiarmente Americano sobre isso. E enquanto o Capitalismo prove-se inadequado, uma crítica do capitalismo (não importa sua origem) se torna “americano” em sua relevância.

Por fim, Freeman citando o conceito de nação dado por Stalin - segundo o qual nação é “*uma comunidade estável de língua, território, vida econômica plano de fundo psicológico*” - ele argumenta que como a característica nacional não está dada e muda de acordo com o observador, o que importa é o sentido interpretado pelas massas. Ele aponta que a consciência de classe sempre reivindicará um elemento nacional pois os operários adquirem sua experiência de luta a partir de vivências concretas em seu país de origem, que no caso do americano é a herança do radicalismo político de Jefferson. Lincoln, Upton Sinclair, o jornal *Masses* e o jornalista John Reed. Freeman chega admitir que ao longo da década de 1920 ele defendeu um completo internacionalismo contra o nacionalismo, mas que isso teria sido um erro de leitura do marxismo ortodoxo.

Percebemos então que os autores do segundo grupo acabam convergindo com os autores





do primeiro, mas a partir de pressupostos diferentes. Para Waldo Frank ou Newton Arvin a defesa do socialismo parte da crença no excepcionalismo americano, constituindo a efetivação máxima deste. Já os marxistas do segundo grupo alegam não “acreditar” no excepcionalismo. O passado reivindicado por eles mescla a história europeia e americana, como se fossem frutos de um mesmo processo histórico. Entretanto, eles defendem o uso estratégico de elementos do nacionalismo estadunidense, seja de maneira mais ou menos explícita e até mesmo cínica como é o caso de Dreiser e Josephson, seja pela justificação a partir de uma teoria mais sofisticada, como é o caso de Burke e Freeman.

### **3.1.3 Liberais com Americanismo Excepcionalista**

Os autores Robert Herrick, William Carlos Williams e William Troy reivindicavam um Americanismo iluminista, moderado, e progressista, o qual se revela na tradição literária de Whitman e Mark Twain e de políticos como Jefferson, Lincoln. Para eles, o caráter nacional americano valoriza a individualidade, independência, autoconfiança e experimentação aventureira. Tanto William Troy quanto William Carlos Williams apontam que o espírito de independência celebrado pelo poeta Emerson está inserido em uma tradição de 400 anos, a qual encontra seus vestígios mais remotos nas implicações teológicas da reforma protestante e do humanismo renascentista, para o qual o homem pode trabalhar para sua própria salvação, seja ela econômica, espiritual ou moral. Troy admite que esses valores são vagos e podem variar de acordo com quem os interpreta, e por isso existiriam vários Americanismos, que adquirem características próprias segundo Jefferson, Thoreau, Whitman, Roosevelt etc. Entretanto, o Marxismo seria incompatível com o Americanismo pois, embora ambos sejam revolucionários, o primeiro assume que são as forças econômicas e os movimentos de massa que mudam a História, já o segundo sustenta que são os indivíduos agindo de forma autônoma. Robert Herrick acrescenta que cabe ao Americanismo conciliar o individualismo extremado, o qual ele associa ao fascismo, com o coletivismo marxista, evitando assim os pontos extremos. Como sintetiza o autor, *Marxismo para o espírito americano é apenas outra fase de força oposta ao liberalismo. É necessária uma teoria resistente para resistir a América, e a América pensa ter essa teoria.* Essa concepção que confere ao caráter nacional americano uma certa moderação e prudência é reiterada no artigo do poeta William Carlos Williams, o qual afirma que a democracia americana foi capaz de derrotar e mitigar pensamentos mais radicais ao longo de sua história, como o de Tom Paine, Gene Debs e Bill Haywood, fazendo com que esses movimentos parecessem estrangeiros ao ambiente nacional.



Segundo William Troy as convulsões econômicas e a concentração de capitais que caracterizaram a América do século XX são inerente às “*pressões implacáveis da maquinaria da civilização*” e relaciona a banalidade materialista e decadência dos valores tradicionais com o choque que a cultura teria sofrido após a Grande Guerra da qual a América nunca teria se recuperado. Em sua expectativa em relação ao futuro, a América estaria “*passado por um processo de difícil reajusto mecânico*” e caberia apenas a ela resolver seus problemas, sem a interferência do Marxismo que, sendo uma filosofia estática de centenas de anos, não suportaria a provação de um processo democrático aberto. Percebe-se, assim, que estes três autores convergem para um posicionamento que considera o Americanismo mais que o caráter nacional de um país em particular, mas sim um modelo moderado de sociedade a ser rivalizado com Marxismo e Fascismo. Embora o “passado utilizável” que justifica a crença em um excepcionalismo americano não se diferencie daquele reivindicado pelos socialistas, o projeto de país é francamente divergente àquele exposto por Waldo Frank ou Newton Arvin.

### **3.2 Considerações Sobre Os Posicionamentos**

Terry Cooney interpreta a chamada para esse simpósio por parte dos editores William Phillips e Philip Rahv como uma necessidade de investigar o crescimento das tendências “paroquialistas” que a literatura Americana assumia no tempo que viviam. Cooney levanta a hipótese de que os editores já imaginavam a tendência relativamente recente dos escritores comunistas adotarem os símbolos do patriotismo americano na literatura e precisavam confirmar essas suspeitas. Verifica-se, portanto, um posicionamento que não se apresenta claramente no Simpósio, mas está subentendido no que os editores escrevem ao longo da revista: a rejeição do “Americanismo estratégico” adotada por alguns marxistas. Como já foi investigado, esse posicionamento é característico de um debate ulterior que aparece com maior importância na história da revista marcando seu rompimento com os modelos literários defendidos pela futura revista rival, a *The New Masses*<sup>12</sup>.

De qualquer forma, a diferença de posicionamentos que mais chama atenção em nossa leitura é a dicotomia presente entre os Socialistas e os Marxistas, que do ponto de vista genérico em relação à Frente Popular não apresentaram diferença: todos autores do Simpósio pertenceram a uma mesma organização da qual Waldo Frank foi o primeiro presidente, a *League of American Writers*, tornada notória na historiografia anticomunista tradicional como uma Frente controlada sub-

---

12 COONEY, Terry A.. *Cosmopolitan Values and the Identification of Reaction* op.cit



repticiamente pelo Partido Comunista. Entretanto uma leitura mais cuidadosa do Simpósio permitiu destrinchar os diferentes posicionamentos que compunham a Frente, o que trouxe elementos que se somam como evidências a uma interpretação proposta por Michael Denning: de que o CPUSA não inventou o Frente Popular, ele apenas aderiu a ela tardiamente.

Michael Denning no pós-escrito da edição de 2010 de sua obra “The Cultural Front”<sup>13</sup> faz uma revisão historiográfica em relação à Frente Popular apontando algumas falhas deixadas pela historiografia até então. Ele procura se diferenciar não só dos historiadores anticomunistas tradicionais que construíram uma narrativa na qual o Partido Comunista é apenas uma extensão dos interesses de Moscou, como é o caso do clássico da historiografia da década de 50, Theodore Draper, mas procurando ir além também dos historiadores da *New Left* e seus ativistas. Os “revisionistas” da *New Left* concretizaram um importante trabalho de recuperar os feitos das fileiras do Partido a nível local, demonstrando que o Partido exercia uma inserção social bastante orgânica nas comunidades e uma atuação relativamente autônoma às lideranças soviéticas. Entretanto, Denning explica que apesar de ter aprendido muito com essa historiografia da década de 70, a desconfiança da *New Left* em relação ao stalinismo descreditou em grande parte a produção historiográfica sobre os anos da Frente Popular, oferecendo maior ênfase na militância dos anos anteriores da depressão. A partir dessas considerações Denning alega que tanto os tradicionalistas anticomunistas quanto os revisionistas da *New Left* enfatizaram demasiadamente papel do Partido na constituição da Frente Popular. Denning encara o “*Popular Front*” não como uma estratégia de um partido em particular, mas como um movimento social genuíno mais amplo que lutou a favor da justiça social e na oposição ao fascismo. Dessa forma, “*o movimento da frente popular não seria um subconjunto da história do Partido Comunista, mas a é a história do Partido Comunista que é um subconjunto da história da Frente Popular, um dos movimentos sociais mais importantes e influentes da história americana*”<sup>14</sup>.

Essa reflexão proposta por Denning nos instiga a pensar a Frente Popular como a uma Cultura Política constituída anteriormente à implementação da estratégia por parte do Partido Comunista. Essa constatação nos permite interpretar a divisão entre Marxistas e Socialistas no Simpósio de 1936 da seguinte forma: a teorização de uma correspondência entre Socialismo e Americanismo, para qual este é precursor daquele, caracteriza uma Cultura Política nos Estados Unidos que têm uma tradição que surge ainda no século XIX, a qual se constitui através das propostas de busca de um passado utilizável pelos intelectuais durante a década de 1910 e que

---

13 DENNING, Michael. *The Cultural Front* op.cit. p. 473-494

14 Idem. p. 482

ressignifica as hipóteses elaboradas sobre o caráter americano pela *frontier thesis* de Turner. O estudo dos posicionamentos marxistas como o de Joseph Freeman aponta, assim como Denning, que o CPUSA não inventou nem exerceu total controle sobre a cultura da Frente, apenas “adere” a ela em 1935.

Agora, não é correto afirmar que a Americanização do Marxismo (ou o Marxismo Americanizado) surge unicamente como uma mera tática cínica de manipulação das massas por parte dos Socialistas e dos membros do Partido Comunista. Lembramos o que é definido por Koseleck, o qual afirma que apenas “*a partir de um fato linguístico, posso atuar sobre a realidade de forma concreta*”<sup>15</sup> e também que “*todo conceito se articula a um certo contexto sobre o qual também pode atuar, tomando-o compreensível*”<sup>16</sup>. Ou seja, a conceituação que procura compreender o Americanismo como um caminho a se seguir ao socialismo nos revela que para esses atores esse caminho era uma possibilidade concreta. Essa semântica única para o conceito revela não só a vontade desses autores de transformar sua realidade, mas também o contexto no qual eles procuravam atuar e compreender.

Um fato importante a ser observado é que o conceito de progresso revela um papel-chave no arranjo dessa cultura política. Segundo Koselleck, o conceito inaugurado pelo Iluminismo é singular por temporalizar o objetivo da perfeição, a qual se realizará em um momento distante no futuro.

Desde então toda a história pôde ser concebida como um processo de contínuo e crescente aperfeiçoamento; apesar das recaídas e rodeios, ele teria que ser planejado e posto em prática pelos homens. Desde então os fins continuam a ser estabelecidos de geração em geração, e os efeitos previstos no plano ou no prognóstico se transformam em elementos de legitimação da ação política.<sup>17</sup>

Para esse planejamento o horizonte de expectativa é mais amplo que o espaço de experiência, ou seja, percebe-se a consciência que a experiência acumulada e herdada pelas gerações anteriores não dá conta da complexidade do futuro que se antecipa. Assim o Americanismo deve ser entendido como algo além de uma busca de um caráter nacional fora do tempo, pois a realização plena do país ideal está no futuro. Dessa forma, a referência que os autores fazem a episódios e personagens do passado não deve ser compreendida como um mero resgate “arqueológico” de artefatos culturais inertes que sobreviveram à ação do tempo, mas como a busca por tendências de desenvolvimento que possibilitam a dedução de prognósticos para o futuro do

---

15 KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado. op.cit. p. 315

16 Idem. p. 315

17 Idem. p. 316





país, os quais, segundo Koselleck, são transformados em elementos de legitimação da ação política. Em outras palavras, se para eles era possível falar em um Americanismo socialista, isso aponta para a real possibilidade que se apresentava a esses sujeitos de que haveria um futuro socialista na América.



## FONTE

DREISER, Theodore; ARVIN Newton; HERBST Josephine; HERRICK Robert; JOSEPHSON, Matthew; BURKE, Kenneth; FRANK, Waldo; TROY, William; WILLIAM, William Carlos; FREEMAN Joseph. **What is Americanism?** Partisan Review, vol. 3, no. 3, April 1936 From the Partisan Review Collection, Howard Gotlieb Archival Research Center at Boston University. Disponível em: <<http://hgar-publ.bu.edu/web/partisan-review>>. Acesso em: 20 set. 2014.

## BIBLIOGRAFIA

BLOOM, Alexander. **Prodigal Sons: The New York Intellectuals and Their World**, Oxford University Press, 1986;

COONEY, Terry A. **Cosmopolitan Values and the Identification of Reaction: Partisan Review in the 1930s.** The Journal Of American History, v. 68, n. 3, p.589-598, dez. 1981.

\_\_\_\_\_. **The Rise of the New York Intellectuals: Partisan Review and Its Circle, 1934-1945.** London: The University Of Wisconsin Press

DELEON, David. **The Popular Front CPUSA and the Revolution of 1776: A study in "patriotic marxism".** Humanities Working Paper, Pasadena, v. 1, n. 39, p.5-46, jan. 1979.

DENNING, Michael. **The Cultural Front: The Laboring of American Culture in the Twentieth Century.** New York: Verson, 1997

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUMONVILLE, Neil. **The New York intellectuals reader.** New York: Routledge, 2007. pg 14

KOSELLEC, Reinhart. **Futuro Passado.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1979.

\_\_\_\_\_. **Uma História dos Conceitos: problemas teórico e práticos.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.134-146, jan. 1992.

LACAPRA, Dominick. **Tropisms of Intellectual History.** Rethinking History, New York, v. 4, n. 8, p.499-529, dez. 2004

\_\_\_\_\_. **The American Historical Review.** The American Historical Review, New York, v. 97, n. 2, p.425-439, abr. 1992

MOTTA, Rodrigo Sá. **Culturas políticas na História: novos estudos.** BH: Argumentum, 2009.

VIALS, Chris. **Realism for the Masses: Aesthetics, Popular Front Pluralism, and U.S. Culture, 1935-1947.** Jackson: University Press Of Mississippi, 2009.

WALD, Alan M.. **The New York Intellectuals: The Rise and Decline of the Anti-Stalinist Left from**